

Figurações da história e sociedade em Recordações do escrivão Isaías Caminha

*Diego Andrade de Carvalho*³²

Resumo: No romance “Recordações do escrivão Isaías Caminha”, de Alfonso Henriques de Lima Barreto, o autor figura o Rio de Janeiro do início da Primeira República e sua sociedade, destrinchando as relações de favor por trás das relações sociais, que se estendem pela imprensa e pela política e servem de entrave para a sobrevivência do herói na capital. Da mesma forma, eventos como a revolta da vacina são recuperados pelo narrador de forma a reforçar sua crítica social. O presente texto tem como objetivo apresentar como a historiografia e a sociologia podem auxiliar a análise da figuração histórico-social desta obra e como estas disciplinas são instrumentos indispensáveis para o crítico que quiser se debruçar sobre a obra lima-barretiana. Para demonstrar a utilidade de diferentes áreas do conhecimento para o exercício crítico, foram escolhidos dois temas presentes no romance: a configuração do sistema de favor e a revolta acerca do decreto do uso obrigatório de sapatos. Para auxiliar a leitura do primeiro tema, foi utilizada a obra *Homens livres na ordem escravocrata*, de Maria Sylvia de Carvalho Franco. Para o segundo tema, foi utilizada a obra *A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*, de Nicolau Sevcenko. A partir do aprofundamento teórico dos temas selecionados propiciado pelas leituras elencadas, foi possível constatar que a apreensão de Lima Barreto de seu tempo e sociedade e sua figuração em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* indicam uma leitura pessimista do Brasil, apesar deste ter alcançado a República, pois as camadas dominantes ainda impõem controle sobre as classes menos favorecidas, impedindo o exercício pleno da cidadania.

Palavras-chave: Lima-Barreto; Recordações do escrivão Isaías Caminha; História; Revolta da vacina.

A figuração histórico-social apresentada no romance “Recordações do escrivão Isaías Caminha”, de Lima Barreto, é uma apreensão específica do autor a partir de seus

³² Aluno do Mestrado no programa de pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo.
E-mail para contato: diego.carvalho@usp.br

pressupostos estéticos e de sua interpretação da sociedade. A fim de estudar esta obra, o crítico precisa compreender e avaliar a apreensão dos eventos históricos e relações sociais feitas pelo autor para estabelecer uma interpretação do texto. A historiografia e sociologia surgem como mediação na construção interpretativa. Não se trata de interpretar a Literatura a partir da História e Sociologia, mas de usá-las como instrumento de trabalho na compreensão das relações de sentido produzidas pelo texto ficcional.

Um dos temas mais abordados ao longo do romance é o sistema de favor, fenômeno presente na sociedade brasileira desde antes da constituição da República. O narrador, insistentemente, apresenta situações e desdobramentos da vida do herói decorrentes da sujeição dos homens à necessidade de ter um pistolão que atue a seu favor, conforme se vê ao longo da ação: Isaías viaja para o Rio de Janeiro com a expectativa de adquirir um trabalho fixo por meio do favor de um deputado, Castro de Oliveira. Este, porém, não lhe ajuda. Em seguida, o herói, sem recursos e emprego, quase chega à bancarrota. O favor de um colega possibilita seu ingresso no jornalismo. Ao fim da ação do romance, tendo posse de informação potencialmente desmoralizante perante a opinião pública sobre seu patrão, Loberant, acerca da ida deste a um bordel, Isaías vende, implicitamente, seu silêncio em troca de uma promoção. Posteriormente, o herói pressionará Loberant para que ele intervenha junto a ministros, a fim de proporcionar para Isaías um emprego fora do Rio de Janeiro. O desfecho da ação guia o leitor para o início do romance: anos depois dos eventos narrados, Isaías, então escrivão da Coletoria de Caxambi, no Espírito Santo, planeja deixar o cargo para concorrer a deputado, como informado na *Breve notícia*. Destarte, os mecanismos do favor estão presentes no romance tanto em seu ponto de partida quanto em seu desfecho.

Para Maria Sylvia de Carvalho Franco, as relações de trabalho baseadas no favor estão ligadas à criação de uma população de homens ao mesmo tempo livres e expropriados de terra³³. Nesse sentido, a exploração predatória da terra e de vidas gerou um residual de população que não era nem formalmente escravizada, nem dona de terras. Para esta parcela sobram as atividades residuais que, em geral, não poderiam ser realizadas por pessoas escravizadas e que os homens com patrimônio não se dispunham a realizar por conta própria, preferindo que outrem as fizessem, como transporte de carga em lombo de burro, negociação de animais, trabalhos braçais em geral e afins. Dentre os exemplos típicos desta prática,

³³ FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 14.

podemos citar que um fazendeiro acordaria com um agricultor e que este pudesse viver em suas terras, num espaço pré-determinado e, em geral, pequeno e precário, em troca de trabalhar em sua lavoura. Pouco tempo e espaço sobriam para este agricultor realizar sua própria roça e este não receberia salário: bastava o local para dormir e plantar o pouco que a situação lhe permitia. Em contrapartida, muitas vezes o senhor poderia lhe “pedir” tarefas à parte de seu trabalho preestabelecido, que, no fim, seriam obrigações requeridas como retribuição implícita do favor do senhor em lhe proporcionar terra para viver. Destarte, é possível concluir que, para o homem livre, são pressupostos tanto um senhor ao qual se ligar quanto o imperativo de retribuir-lhe. Esses pressupostos formam um sistema de sujeição no qual esta população nem formalmente escravizada, nem dona de terra perde o exercício pleno da cidadania e tem seus direitos individuais negados. Da contínua necessidade de retribuição derivam-se uma interminável rede de dívidas e obrigações que sempre se renova³⁴.

Recuperar o sistema de favor histórico agrega à compreensão dos eventos narrados na ação de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Sendo o herói um homem pobre sua sobrevivência na cidade não pode ser continuada até que ele se ligue a alguém influente. Fato interessante na obra é que a trajetória de Isaías é similar à do próprio deputado Castro. Já no primeiro capítulo, o leitor acompanha Valentim, tio de Isaías, buscar o favor do fazendeiro Belmiro, por aquele, no passado, ter prestado serviços a este. Valentim deseja que Belmiro interceda a favor de Isaías, arranjando para ele uma ocupação na capital. Belmiro então sugere requisitar, através de uma carta, a intercessão de Castro de Oliveira. A certeza de Belmiro de que este ajudará Isaías parte também da informação de que o fazendeiro auxiliara o atual deputado a concluir seus estudos e elegê-lo para a Câmara. Esse favor anterior tirou Castro da pobreza, o pai dele, Hermenegildo, era pobre, mas desejava que o filho estudasse. Provavelmente, Hermenegildo era algum tipo de homem livre pobre ligado a Belmiro. Nesse sentido, a ajuda do coronel para o estudo do filho veio como contrapartida pelos serviços do pai de Castro. Dessa forma, este seria profundamente ligado a Belmiro, o que tornaria a contrapartida do deputado algo incontornável pela lógica do sistema de favor. Com essa micronarrativa condensada sobre a vida de Castro pela voz do coronel, Lima Barreto figura a perpetuação em diferentes gerações do sistema de favor. Fazendo o procedimento de ler o romance do fim para o início, a cena também mostra que, ao se candidatar, futuramente, como deputado, Isaías procura a mesma sorte de Castro e,

³⁴ Ibidem, p. 84.

assim, a perpetuação do sistema. Ambos terem desfechos similares criam um movimento cíclico na narrativa que corrobora para se pensar que Lima Barreto tenha construído uma visão pessimista sobre a manutenção das formas de dominação e a não liberdade dos cidadãos pobres, mesmo com o advento da República.

Outro tema que é relevante no romance é a figuração realizada por Lima Barreto da revolta da vacina. No contexto da virada do século XIX para o XX e na transição do Império para a República, as condições de vida na cidade do Rio de Janeiro vinham se deteriorando a níveis alarmantes³⁵, e, em meio à reurbanização, avançava uma epidemia de varíola, que atrapalhou a atração de capital estrangeiro, fato que explica a sensação de urgência em uma campanha da vacina antivariólica³⁶. Os procedimentos dos agentes sanitários foram vistos como truculentos e invasivos, como separar mães e filhos para vacinação; vacinar à força pessoas que não desejavam receber a antivariólica; interditar propriedades para desinfecção e expor mulheres a terem seus braços, coxas e nádegas desnudados e manipulados em público pelos agentes – um escândalo para a sociedade de moral extremamente recatada³⁷. Sevcenko aponta que “obstavam [os opositores à obrigatoriedade da vacina], enfim, não contra a vacina, cuja utilidade reconheciam, mas contra as condições da sua aplicação e acima de tudo contra o caráter compulsório da lei”³⁸. Sevcenko destaca a “insensibilidade política e tecnocrática” do governo, que se preocupou unicamente com questões práticas, ignorando o potencial impacto psicológico de tal imposição unilateral, o que foi fatal para o efetivo cumprimento da lei³⁹. A partir disso, é possível apontar que o gérmen do conflito que desembocou na Revolta da Vacina tenha sido a violência simbólica do Governo de querer sujeitar a população à sua vontade autoritária, somada à opressão do Estado em querer intervir fisicamente e de forma violenta no corpo individual.

Na ficção, Lima Barreto opta por narrar não uma revolta acerca de uma *vacinação*, mas sim uma revolta contra a estipulação do uso compulsório de *sapatos*. Essa escolha de trocar o tema que deflagra o motim, não o intuito *sanitário*, mas *higienista* do decreto que gerou a revolta. Pois enquanto a doença punha em jogo questões de saúde pública, os pés descalços são índice de um lugar social tido por desprezível pelas camadas dominantes para as quais a reurbanização da cidade era voltada. Além de ser destinada a satisfazer os hábitos de luxo e ostentação destas camadas dominantes, se tratava também de uma questão higienista por querer limpar a pobreza, calçando os pobres às custas deles a fim de

³⁵ SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 71.

³⁶ *Ibidem*, p. 61.

³⁷ *Ibidem*, pp. 19-21.

³⁸ *Ibidem*, p. 19.

³⁹ *Ibidem*, p. 26.

“embelezar” a cidade aos olhos dos investidores e estrangeiros, conforme o narrador evidencia:

Nós passávamos então por uma dessas crises de elegância, que, de vez em quando, nos visita. Estávamos fatigados de nossa mediania, do nosso relaxamento; a visão de Buenos Aires, muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualá-la. Havia nisso uma grande questão de amor-próprio nacional e um estulto desejo de não permitir que os estrangeiros, ao voltarem, enchessem de críticas a nossa cidade e civilização. *Nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente.* [...] Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas *squares*, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais de moda da Inglaterra. Foi esse estado de espírito que ditou o famoso projeto dos sapatos. (O primeiro grifo é meu)⁴⁰

A construção narrativa da origem da revolta e o alvo de sua objeção demonstram uma apreensão lima-barretiana do processo histórico como a história da opressão brutal sofrida pelos menos favorecidos, ao criar uma lupa que amplia os fatores higienistas racistas e classistas envolvidos no decreto. Essa figuração cria uma consonância com a caracterização do sistema de favor, que reforça, no romance, a construção de uma visão pessimista acerca do país, na qual as camadas dominantes impedem a possibilidade de exercício pleno da cidade e brutalizam os corpos das camadas populares. Dessa forma, estudar os temas histórico-sociais presentes na obra possibilita uma leitura mais apurada do sentido construído no texto.

Referências Bibliográficas

- BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

⁴⁰ BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010. pp. 223-224.